

**Intervenções: o Marxismo
na Batalha das Idéias
de Carlos Nelson Coutinho.
São Paulo, Editora Cortez, 2006.**



**NAS TRINCHEIRAS DO PENSAMENTO CRÍTICO:
INTERVENÇÕES DE UM MARXISTA CONVICTO E CONFESSO**

DOUGLAS RIBEIRO BARBOZA¹

“(…) não posso deixar de reconhecer que este início do século XXI não parece muito favorável a um intelectual como eu, formado na década de 60 do século passado”. Lendo, em desatento, este trecho de um dos capítulos do novo livro de Carlos Nelson Coutinho, poderíamos hesitar em acreditar que este fora escrito por um dos mais importantes intelectuais marxistas brasileiros, que esteve sempre preocupado em articular sua reflexão teórica com a prática militante (PCB, PT e hoje, PSOL) e o principal estudioso e divulgador das obras de Gramsci e Lukács no Brasil.

Seu ceticismo é descabido? Em tempos de busca pela despolitização geral da sociedade; num cenário em que a recusa de compreensão da totalidade e a concepção da razão somente a serviço da instrumentalidade são a *nouveauté* da “avalancha irracionalista” pós-moderna, seria impossível acreditarmos que um intelectual concentrado na filosofia política e que considera esta “totalidade” como o conceito mais marcante na sua produção teórica ficaria imune aos estragos daquilo que Frederic Jameson classificou como “lógica cultural do capitalismo tardio”.

Mas os estragos não são suficientes para lhe causar desesperança. Pelo contrário, seu pessimismo se nutre da razão crítica. E a compreensão de que “as reflexões filosóficas não ocorrem no puro plano das idéias”, mas sim como “respostas teóricas aos problemas colocados pela vida concreta dos homens e das sociedades” deixa o autor confortável em admitir a necessidade de renovar suas categorias como garantia de fidelidade ao marxismo, fidelidade esta exposta não através da transposição imediata das afirmações de Marx aos dias atuais ou na sua imediata negação, mas sim na capacidade de, através

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador do Programa de Estudo de América Latina e Caribe – PROEALC.

do movimento dialético de conservação/renovação, utilizar suas afirmações para “conceituar o real no seu incessante devir”.

Neste sentido, *Intervenções* se mostra como um livro no qual Coutinho – através de uma coletânea de entrevistas e conferências realizadas entre os anos de 2000 e 2005 – busca, à luz da perspectiva marxista, somar-se ao debate dos atuais “problemas teóricos, políticos e culturais” que se conformam no que ele chama de “batalha das idéias”, uma luta ideológica entre diferentes forças sociais cujas implicações adotam diversas matizes em diferentes contextos nacionais.

Um dos pontos fortes do livro está no debate sobre a atual disputa do conceito democracia, cuja forma de regime político é hoje reivindicada por quase todas as correntes ideológicas, porém nem sempre com uma crença efetiva na mesma, e sim, com uma hipócrita generalização do reconhecimento da virtude democrática. Ou seja, a disputa ideológica antes configurada por posições contrárias ou favoráveis à democracia, agora se conforma – não por acaso – na oposição entre concepções minimalistas e a defesa por uma democracia efetiva.

O autor demonstra como o liberalismo – que num primeiro momento reage criticamente contra a democracia e apresenta-se como uma alternativa à mesma – passa a enfrentar a tarefa (não só teórica, como prática) de controlar o avanço democrático e submetê-lo à lógica da reprodução capitalista, dada a necessidade de assimilação dos novos direitos conquistados pela luta dos subalternos (sufrágio universal, livre organização sindical etc), direitos estes parte integrante de um ideário democrático que pressupunha uma socialização da participação política. No desenrolar da história, esse processo “deságua” numa corrente no pensamento político – iniciada por Schumpeter e continuada por Dahl, Sartori, Bobbio e cia – que concebe a democracia apenas como o respeito a algumas regras formais que permitem uma rotatividade das elites no poder por meio dos processos eleitorais.

Convencido de que não há solução para a humanidade fora da democracia, e contrapondo tais correntes, Coutinho retoma a discussão exposta em seu ensaio de 1979, *A Democracia Como Valor Universal*, não somente para reafirmar a permanência da suas idéias expostas há mais de 20 anos, mas para ressaltar a necessidade de interpretá-las ante este novo terreno de luta política e ideológica. Cabe lembrarmos das intensas polêmicas geradas por este ensaio nos anos que seguiram a sua publicação, discussões estas que, na visão do próprio autor, o fizeram perceber a inicial insuficiência da sua proposta autocrítica (marca do contexto em que fora escrito) e a necessidade de superar algumas limitações em sua parte teórica. A decisão de não republicá-lo em sua forma original e as revisões introduzidas em suas obras mais recentes foram provas desse acerto de contas.

Seguindo os passos de Lukács (ele destaca a importância do seu período fanaticamente lukacsiano – antes do seu “reencontro com Gramsci”, em meados de 1970 – marcado nos seus dois primeiros livros *Literatura e Humanismo*, de 1967, e *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*, de 1972), Coutinho demonstra que a democracia deve ser entendida não como algo que se esgota em uma determinada configuração institucional, mas sim como um processo, como algo que se aprofunda, e que “combina indissolúvelmente reformas políticas com reformas econômicas e sociais”. Sendo assim, o que tem valor universal é o processo de *democratização*; processo no qual a socialização da participação política (*socialização política* entendida, na expressão dos marxistas italianos, como sinônimo de participação popular) se exprime numa crescente socialização do poder (momento fundamental da concepção marxiana do socialismo). Destarte, o significado da plena realização da democracia implica a superação da ordem social capitalista, “porque a divisão da sociedade em classes cria déficits de cidadania, de participação política” – compreensões estas já antes explicitadas no seu ensaio *Contra a Corrente* (2000), na qual, na necessidade de evitar equívocos de

interpretações, assinala que se a democracia é o caminho para o socialismo, tampouco existirá socialismo sem democracia.

Convicto também de que as categorias de Gramsci são certamente necessárias para o entendimento do Brasil e do mundo atual, o autor se faz valer deste arcabouço teórico ao longo deste e dos outros vários temas abordados nesta coletânea, assegurando assim uma relativa unidade dos mesmos.

Para que se possa repensar esse momento democrático como fundamental na construção do socialismo, Gramsci fornece instrumentos decisivos. A ampliação da teoria do Estado herdada de Marx, incluindo nele a esfera da hegemonia e do consenso, foi, conforme ressalta Coutinho, justamente a forma como o intelectual italiano pôde refletir sobre os novos fenômenos que o processo de democratização introduzira na vida social.

Na sua explanação sobre as implicações das diferentes leituras do conceito *sociedade civil* na luta ideológica, Coutinho aclara a importância do resgate – com rigor teórico – do conceito gramsciano e de seus principais interlocutores, revelando sua dimensão política e ressaltando sua articulação dialética com a batalha pela hegemonia e pela conquista do poder por parte das classes subalternas, em contraposição ao novo conceito “apolítico e asséptico” de sociedade civil das vertentes ideológicas neoliberais (presente não somente nas novas “constelações político-ideológicas” que se manifestaram na sociedade brasileira mais recente, mas também na realidade de outros países).

E por que Gramsci também não nos daria subsídio para entendermos a atual situação do PT e do seu governo? Não seria este mais um “fenômeno mórbido” emergido de um cenário onde, na morte do velho, o novo continua a ser uma esperança frustrada? Coutinho nos brinda demonstrando como o governo Lula não escapou da maldição que atravessa a vida brasileira, onde as mudanças necessárias são operadas pela via da conciliação pelo alto, do “transformismo”. Tenta também desvelar como um partido criado com base na idéia da transformação social e extremamente vinculado aos movimentos sociais converte-se em um partido de governo, cuja burocratização da direção partidária e o abandono do socialismo como meta estratégica das lutas dos trabalhadores constroem o que o autor considera como “uma das maiores tragédias já vividas pela esquerda de nosso país”.

A recorrência ao par categorial “ocidente/oriente” e ao conceito de “revolução passiva” para identificar as causas da relevante presença de Gramsci na cultura latino-americana. A referência acerca do peso decisivo das formulações do intelectual italiano na estratégia proposta pelo chamado “eurocomunismo” – movimento este cujo fracasso, segundo o autor, selou o fim da “época de ouro do marxismo” na sua batalha teórica com o estruturalismo nos anos 60. A distinção gramsciana entre “grande política” e “pequena política” como fonte analítica da atual proposta hegemônica de redução da atividade política a uma administração do existente, e, conseqüentemente, a contraposta urgência de se “redespertar as classes subalternas” para a necessidade da discussão sobre a transformação radical da ordem social. Apesar destes serem alguns pontos de unidade entre as análises dos diferentes temas abordados no livro de Coutinho e as concepções do grande pensador marxista sardo; estão longe de significarem sua canonização dogmática. Assim como criticou as posições ortodoxas do bloco monolítico marxista-leninista, e ressaltou a importância do “pluralismo” no marxismo dentro do debate teórico-político e filosófico (haja vista suas análises não somente sobre as leituras de Gramsci e Lukács, como também de Sartre e de algumas contribuições da Escola de Frankfurt), Coutinho reforça, ao longo dos capítulos, que apesar de Gramsci representar a possibilidade de uma melhor compreensão do capitalismo do século XX (quicá, do século XXI), a garantia de compreensão da historicidade da realidade consiste na permanente capacidade de revisão (e não abandono) dos conceitos marxistas.

Vivemos num período de sérias derrotas políticas da esquerda, de tentativas de se extinguir a diferença entre crítica e afirmação, de insistência na fragmentação do tempo em eternos presentes e de combate às “metanarrativas” com uma combinação entre o irracionalismo e o racionalismo empobrecido. Mas algumas derrotas e vitórias nas batalhas não significam o triunfo na guerra. O cenário pode não ser favorável, mas de longe representa o desaparecimento sem vestígios – “como uma pedra no oceano” – do pensamento crítico marxista e de sua lúcida capacidade de interpretação e transformação da realidade contemporânea. E este livro nos demonstra que nas trincheiras e casamatas da batalha das idéias, Carlos Nelson Coutinho continua se afirmando como um imprescindível referencial de rigor teórico na filosofia política contemporânea. Demonstra que o pensamento marxista continua sendo – como na autodenominação de José Carlos Mariátegui – a “flecha que não pode morrer antes de chegar ao alvo”.